

Editorial

PREZADO LEITOR,

A inclusão, vista em diferentes ângulos, é o tema central desta edição.

A diversidade de assuntos concernentes à deficiência visual é o arcabouço que abriga e sustenta o valor de nosso periódico. Há muito o que dizer, há muito o que pensar e, principalmente, há muito o que alcançar. Inclusão e acessibilidade ultrapassam o limite puro e simples de meros vocábulos. Tais palavras concentram conceitos muito profundos que necessitam ser discutidos até a exaustão, se preciso for. Esses conceitos poderão quebrar barreiras, restabelecer novos paradigmas. É preciso que entendamos o que vem a ser diversidade, que, em última análise, nos fala da imensurável capacidade de o homem ser, ao mesmo tempo, único e múltiplo. Este número 53 de nossa revista traz três artigos e uma entrevista que espelham a temática de atitudes e ações que preconizam a importância do pensamento inclusivo.

O primeiro artigo, "Inserção de disciplinas de braille na grade curricular do Ensino Fundamental da educação básica", da autoria de Alessandra Rodrigues de Resende e João Batista Moura de Resende Filho, mostra-nos uma iniciativa pioneira: a inclusão do Sistema Braille como disciplina complementar da Escola Primeiros Passos de João Pessoa/PB. O resultado da pesquisa aponta-nos pontos positivos advindos das crianças do Ensino Fundamental, como também de seus pais. É interessante analisarmos mais essa experiência inclusiva que se desenvolve na rede regular de ensino.

Marina Dal Ponte, Tamara Salvatori e Andréa Poletto Sonza nos apresentam no trabalho "Material digital acessível para deficientes visuais: ampliando o acesso à informação", a abertura de novas possibilidades para que as pessoas com deficiência visual tenham maior acesso à informação. A importância desse tipo de estudo, pauta-se na própria natureza da ordem vigente. Vive-se um tempo de intensa ebulição quanto à disseminação de ideias, conhecimento, interação com o mundo do saber, saber esse que se manifesta em múltiplas frentes. Mais uma vez, vemos a acessibilidade como centro das preocupações dos pesquisadores contemporâneos.

O terceiro artigo, "Políticas públicas, espaços e lugares: as questões de pertencimento de deficientes visuais na educação superior", que tem como autoras Alessandra Nery Obelar da Silva e Gionara Tauchen, traz-nos a discussão sobre o atendimento às pessoas com deficiência no terceiro grau. As políticas públicas tratam mais amiúde de questões relacionadas com a educação do ensino básico. Entretanto, a demanda para o ensino superior aumenta e precisa ser considerada com maior cuidado. Somente por meio de políticas bem-elaboradas e aplicadas com pertinência e desejo verdadeiro poderão os alunos cegos ou com baixa visão lograr êxito no atingimento de suas metas educacionais e sociais. Para tanto, faz-se imperativa a instrumentalização técnico-pedagógica dos professores. O assunto merece atenção.

Fechando esta edição, temos a entrevista de Amanda Fonseca Tojal, museóloga e arte-educadora do MAC/USP, que se dedica desde 1991 a buscar os mecanismos que podem oferecer às pessoas cegas ou com baixa visão o direito de usufruir, como qualquer outro cidadão, do encanto e do conhecimento das artes. A cultura precisa chegar às mãos da

pessoa cega, em especial. A mensagem trazida por nossa entrevistada demonstra cabalmente a importância de seu incansável trabalho. Vale a pena nos determos em suas palavras e concepções.

O prazer de estarmos em contato com nosso público-alvo, em sua grande maioria educadores, é sempre renovado e instigante. Esperamos que no próximo número da Benjamin Constant possamos reiterar esse prazer e buscar sempre temas que agucem o interesse e a necessidade de vocês, nossos leitores.

Maria Odete Santos Duarte
Diretora-Geral do IBC

ISSN 1414-6339